

## OU CASAMENTO, OU DIVÓRCIO: A LEITURA LITERÁRIA E O FACEBOOK, RELACIONAMENTO POSSÍVEL?

Epaminondas de Matos Magalhães (IFMT – Pontes e Lacerda)

### RESUMO

Atualmente, estamos cada vez mais imersos no mundo tecnológico e nas redes sociais, sendo uma das mais comuns, o *Facebook*. Os adolescentes, em especial, utilizam essa rede social para compartilhar emoções, angústias, conhecer e ampliar sua rede de amigos, que passou da simples presentificação, para o ambiente virtual. Nesse ínterim, vemos constantemente o compartilhamento de citações literárias, sejam de autores consagrados, como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Caio Fernando de Abreu, como de autores desconhecidos. A partir dessas perspectivas – postagem de citações literárias – é possível discutirmos nesse suporte, práticas de leitura, como nos afirma Chartier (2002), os suportes mudaram, do livro impresso para a textualidade eletrônica, mas a leitura não deixou de existir. Contudo, o mesmo autor adverte que na transposição do texto impresso, por meio dessas frases, para a tela do computador, o texto não será o mesmo, pois ele passará por modificações, assim como a recepção desse recorte/fragmento também não será a mesma por esses *novos* leitores. Essa comunicação se propõe a apresentar duas perspectivas sobre *as mensagens compartilhadas* de obras literárias: a primeira diz respeito a quebra do estereótipo de que os adolescentes não leem, uma vez que isso seria negar os novos suportes em que circula a leitura, negando sua própria existência fora do ambiente escolar, assim como a existência das relações tecnológicas e midiáticas, no ambiente do século XXI em que os adolescentes se encontram inseridos, sendo entendidos como nativos digitais por Palfrey e Gasser (2011), em uma esfera, a escola, que ainda apresenta resistência para compreender esse novo espaço, seria pensarmos em uma educação do século XX, com alunos do século XXI; segundo pensar em que medida esses *mensagens compartilhadas*, em forma de frases, modificam-se do texto impresso, uma vez que são citações fragmentadas, que a elas são agregadas imagens ou *post*. Rojo (2012) afirma que a escola precisa estar focada nessa nova realidade, é preciso compreendê-la, antes de qualquer coisa, pois isso significa entender os próprios sujeitos leitores. O aluno dentro do espaço da escola entra em contato, conforme aponta Cereja (2005), com o discurso historiográfico da literatura, não com as obras em si, fora do ambiente da escola, por meio dos diversos suportes: *tablets*, *Ipads* entre outros e nas redes sociais, acaba tendo contato com o texto literário, modificado, mas que está ali, posto para leitura e suas diversas possibilidades, compartilhamento, comentários etc. Acreditamos que seja preciso explorar esse suporte, o *Facebook*, como espaço de leitura, mas que essa deva ser orientada, evitando, com isso o compartilhamento de mensagens atribuídas a um dado autor que possa não ser dele. Contudo, não

podemos descartar que esse compartilhamento de mensagens gera e fomenta a leitura, em suas diversas formas.

**Palavras-chave:** Facebook, leitura e mensagens compartilhadas

## **Introdução**

"Nada acontece por acaso.  
Não existe a sorte.  
Há um significado por detrás  
de cada pequeno ato.  
Talvez não possa ser visto  
com clareza imediatamente,  
mas sê-lo-á antes que  
se passe muito tempo."  
Richard Bach

Tomando como ponto de partida os versos de Richard Bach, na epígrafe dessa introdução, queremos lançar mão das primeiras inquietações que cercam as discussões que aqui nos propusemos: de que os ciberespaços, nesse caso específico, o facebook, não surgiu por acaso, não é um ato impensado e nem suas relações, sejam elas pessoais, ou de leitura, ocorrem sem provocar em nós algo que possa modificar a forma como encaramos o mundo e as nuances que dele se depreende.

O que queremos é lançar um olhar de compreensão sobre a leitura, em especial a leitura literária, a partir dos post dos usuários de facebook, com citações ou frases de autores consagrados ou até mesmo desconhecidos, que provocam nos leitores um novo comportamento sobre o ato de ler.

Esse texto faz parte de uma pesquisa, em desenvolvimento, no Instituto Federal de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda, intitulado Redes de Leitura, em que se busca verificar a potencialização da leitura dentro dos ciberespaços. Assim, somos levados as seguintes inquietações: o que é ler, nesse contexto do ciberespaço? O que essa leitura provoca nos leitores? Qual comportamento se depreende dessa relação?

## **“Compartilhar”, “Comentar” e “Curtir” a Leitura Literária no Facebook**

Segundo Pozo (in SALGADO e AMARAL, 2008, p. 29) exige-se de cada sujeito que esse tenha uma “cultura da aprendizagem”, ou seja, que compreenda que viver em sociedade exige que esse entenda que essa se transforma, com essa transformação as relações que compreendemos do mundo se modificam. Assim, com a revolução das telecomunicações e da informática vem se exigindo das pessoas que elas alterem seus comportamentos diante desse novo cenário, principalmente diante dos diversos e novos aparelhos e aplicativos. Para tanto, diante desses diversos dispositivos, dentre eles as redes sociais, o facebook, podem potencializar a aprendizagem e a leitura? É possível termos leitura literária dentro desse suporte?

Só podemos nos localizar e situarmos social e culturalmente nesse mundo por meio de linguagens específicas, que tornem as vivências reais e possíveis. Aqui entra a máxima do letramento, de que a leitura precisa estar inserida como prática social, precisa circular, precisa modificar o lugar do sujeito e suas apreensões diante do mundo. Ou seja, ler é uma necessidade, não é apenas a recepção de uma dada mensagem, mas deve provocar a constatação, interpretação e re-elaboração da mensagem.

A leitura se manifesta, então, como a experiência resultante do trajeto seguido pela consciência do sujeito em seu projeto de desvelamento do texto. É essa mesma experiência (ou vivência dos horizontes desvelados através do texto) que vai permitir a emergência do ser leitor. Por sua vez, os novos significados apreendidos na experiência do leitor fazem com que este se posicione em relação ao documento lido, o que pode gerar possibilidades de modificação do texto evidenciado através do documento, ou seja, a incrementação dos seus significados. (SILVA, 1992, p. 95).

Dessa forma, ler pressupõe compreender as experiências anteriores e agregar novas experiências. Ler é desvelar múltiplas experiências e não pode ser encarada sobre uma única perspectiva. Aquela figura, do leitor debruçado sobre o livro, com o óculos na ponta do nariz ganhou outros formatos, outros elementos, agora, esse leitor lê em seu tablete, celular, smartphone ou outros dispositivos, contudo, em nenhum desses a leitura deixa de se realizar, ou seja, são novas experiências de leitura.

Nesse universo, cada vez mais engendrado pela tecnologia, vemos os múltiplos dispositivos circulam nas mãos dos mais diversos sujeitos, sejam eles crianças, jovens ou idosos. Temos novas formas de leitura dentro desse novo universo. Inegavelmente, e

constatado por meio de inúmeras pesquisas, a internet e seus diversos dispositivos promovem um rede de interações, diálogos e divulgações, seja de pensamentos, frases, momentos, fotos, etc. Temos, portanto, um espaço de comunicação horizontal, em que a informação ocorre em tempo real, se modifica em uma velocidade incrível. Assim, formar leitores dentro do paradigma do século XIX, não atende mais o novo leitor em ascensão. Ler na era digital significa compreender inúmeras nuances que decorrem desse processo: a rapidez, a gama de textos variados, o novo perfil leitor; as novas exigências desse público.

Estamos vivenciando novas práticas leitoras, que nas palavras de Roger Chartier:

Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 7)

Quanto a leitura dentro desse ambiente digital, a que nos referimos aqui, e especificamente, ao fato das postagens dos usuários do facebook acerca de passagens de obras literárias em suas histórias na página do facebook existem muitas críticas a respeito desse formato de leitura, como: “ler fragmentos”; “apenas anotações”, “leitura desconectada”. A grande questão que queremos levantar aqui é: “leitura desconectada” por parte de que leitor? Pois aquele que posta teve que observar em que medida aquela passagem reflete ou representa suas angústias ou sentimentos, portanto, contextualizado as suas vivências. Nesse sentido, antes de qualquer coisa, precisamos verificar que estamos lidando com um novo formato de leitura e escrita.

Existe um senso corrente, em muitas academias e em instituições que fomentam a formação de professores, tomando como base o estado de Mato Grosso, de que a tecnologia prejudica a leitura, contrariando em muitos as diretrizes curriculares para o estado, bem como as Orientações Curriculares Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais que já aludem para o fato de que as tecnologias devem cruzar todas as áreas do conhecimento.

Existe no estado de Mato Grosso um decreto, 10232/2014, que proíbe o uso de celulares dentro das escolas públicas estaduais, se não forem para fins pedagógicos. Não queremos aqui empreender uma discussão sobre o uso ou não dos celulares em sala de aula, o que queremos é levantar uma gama de discussões sobre o sentido de uso pedagógico do celular, uma vez que o aluno ao acessar suas redes sociais, não está realizando a leitura? Isso não seria o grande papel da escola: formar leitores? Em que medida esses decretos contrariam as novas perspectivas educacionais? Enfim, há inúmeras correntes aversivas ao uso da tecnologia em sala de aula, o que dificulta muito a formação de leitores, uma vez que esses partilham desse universo.

Alguns autores, como o próprio Roger Chartier (1993) defendem que os jovens nunca leram tanto como fazem agora, seja em: grupos de aplicativos, sites de fofocas, blogs, e-mails, salas de bate papos, sites de relacionamentos entre outros. Portanto, é inegável que há uma potencialização da leitura por meio desses novos meios digitais.

Tal fato pode ser facilmente comprovado pela pesquisa Retratos da Leitura (2016), em que se verifica que os jovens passaram a ler mais nos últimos quatro anos, impulsionados, até certa medida, pelos meios digitais. Assim, olhares que impulsionaram o decreto citado acima só confirma um pensamento ainda calcado em uma perspectiva tradicional de leitura, que não leva em consideração os demais cenários que estamos inseridos, nem os novos suportes em que a leitura se realiza. É preciso ter um novo olhar sobre a leitura, em especial, acerca das redes sociais, com que jovens e adultos fazem uso corriqueiramente, que potencializam a leitura.

Acreditar que as redes sociais, em especial, o facebook não promovem/potencializam a leitura é, de certa forma, esquecer o próprio conceito de leitura, pois como nos afirma Solé (1998) essa se constitui como processo de interação entre leitor e texto. Nesse sentido, quando observamos o facebook, devemos levar a entender que essa rede social fascina os jovens e adultos pela capacidade e possibilidade de interação que suscita, ou seja, os sujeitos interagem entre si e com os diversos textos que circulam, entre eles o literário.

Cabe-nos, aqui, fazer uma ressalva, acreditamos que o adolescente, ao fazer uma postagem com trechos de obras literárias ele o faz partindo da leitura daquele trecho, que de certa forma atende algum fim específico de suas vontades ou interesses. Contudo,

algumas perguntas, que merecem pesquisas ainda mais profundas, precisam ser feitas: o adolescente, que postou um trecho de uma obra, retirou-o da obra que leu, ou apenas recortou de outros espaços digitais? O adolescente tem consciência do todo que representa aquela citação?

Retomando as discussões aqui intentadas, é preciso ainda dizer que a leitura é um elemento vivo no meio social e, como tal, acompanha as suas diversas evoluções, somente assim, ela, a leitura, terá seu lugar, de fato legitimado, quando fizer sentido aos seus leitores.

Parece necessário, também, fazer outra ressalva acerca da leitura, em especial, a leitura literária, por meio do facebook, visto que essa leitura nem sempre pode ser a mais adequada entre os adolescentes, uma vez que esses leem de forma livre, sem devido acompanhamento e, portanto, pode ler textos que não condizem com sua faixa etária ou seus interesses de leitura. O que queremos nesse texto não é dizer que o facebook é a melhor opção para o desenvolvimento da leitura, mas compreender que ele faz parte dos novos suportes onde a leitura se realiza. Contudo, é preciso, sim, de mediações leituras para esse ambiente digital.

O facebook oferece aos leitores novas possibilidades de realização e interação na e pela leitura. Entre os gêneros mais utilizados no facebook estão o poema; os textos literários em prosa; notícias de jornal. Nesse sentido, esse adolescente vem fazendo uso da leitura literária por meio dessa rede social, que se tornou acessada por uma grande parcela da população jovem e que vem ganhando o universo adulto. Há que se considerar que o facebook permite uma leitura interdisciplinar, uma vez que circulam vários gêneros, textos e assuntos. Essa forma de leitura dinâmica, em que permite ao sujeito realizar idas e vindas ao texto inicial, abrindo novas janelas de leitura, recebe o nome de hipertexto.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte dos gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, ou de modo reticular. Navegar em hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. (LEVY, 1993, p. 33)

O hipertexto permite ao adolescente ler diversos textos. Levy (1993) aponta que muitas representações negativas do uso das redes sociais para o desenvolvimento da leitura se deve ao fato de desconhecimento acerca da potencialidade que os recursos digitais podem trazer para o desenvolvimento do sujeito. É preciso que saibamos explorar ao máximo os recursos de internet.

Rojo (2012) aponta que a escola precisa estar preparada para lidar com as novas situações de leitura que começam a adentrar o espaço da sala de aula, por meio dos alunos, nativos digitais, uma vez que ele tem acesso a uma série de textos em seus mais diversos formatos e suportes, isso exige “[...] levar em conta o caráter multimodal dos textos e a multiplicidade de sua significação.” (2012, p. 39).

O que se percebe com a escola e o professor é uma crise diante das novas identidades que passam a surgir por meio dos nativos digitais. “A era da internet, em que estão crescendo os Nativos Digitais, está proporcionando outra grande mudança no que significa construir e administrar a própria identidade.” (PALFREY/GASSER, 2011, p. 29).

Assim, é preciso ainda entender que essas novas identidades se manifestam nas mais diversas redes sociais, entre elas o facebook.

A revelação de dados pessoais na internet está intimamente conectada ao seu estabelecimento como membro do grupo, fundamental para a sua identidade social. Pense na estrutura social do Facebook: os usuários constituem um grupo muito grande de dezenas de milhões, se subdividindo em muitas redes e grupos menores aos quais os usuários podem se “associar”. Desta situação de sócio de muitas redes e grupos, por sua vez, os Nativos Digitais derivam e expressam suas múltiplas identidades sociais.

Portanto, a escola e o professor precisam compreender que a sociedade mudou, que estamos vivenciando um novo cenário em que as ferramentas digitais tomaram conta do cenário, antes dominado pelo papel e caneta, passando agora para a tela e o polegar.

A esse respeito, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) (2001, p.138) afirmam:

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos

processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas.

Ainda nas palavras de Rojo (2012, p.99)

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, Ipods, celulares, tablets etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requer da escola trabalhos focados nessa realidade. Ocorre que, se houve e se há essa mudança nas tecnologias e nos textos contemporâneos, deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças.

Tanto os PCNs quanto Rojo (2012) apontam que é preciso uma mudança na forma como se pensa a leitura no cenário que se recebe os nativos digitais, em especial, dentro do espaço da escola. É preciso compreender esses novos sujeitos e suas diversas exigências.

### **Considerações finais**

Retomando aqui o título desse texto “casamento ou divórcio” é possível dizermos que em relação ao uso do facebook como ferramenta que potencializa a leitura, poderíamos dizer que é necessário um casamento entre a leitura literária e essa rede social, uma vez que quando lidamos com casamento estamos falando de todas as diversas implicações que isso traz, ou seja, há intensos momentos positivos, mas, também, há discussões e conflitos, portanto, quando lidamos com leitura literária dentro dessa rede social estaremos falando da possibilidade de potencializar a leitura, mas, também, dos conflitos que isso também traz, como alguns apontados nesse texto, como a ausência de acompanhamento da leitura.

### **Referências**

- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. RJ: Ed, 34, 1993.



PALFREY, J; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre/RS, Artmed Editora, 2011.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

PALFREY, J; GASSER, U.; **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre/RS, Artmed Editora, 2011.

POZO, Juan Inácio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. In: SALGADO, M. U. C; AMARAL, A. L. (Orgs.). **Tecnologias da Educação: ensinando e aprendendo com as TIC**. (guia do cursista) Brasília: MEC, Sec. da educação à Distância, 2008

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

SILVA, Ezequiel Teodoro da. O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 6.ed. São Paulo: Cortes editora / autores associados, 1992. 104 p.

SOLE, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194 p.